

**EXTENSÃO E QUESTÕES
COMUNICACIONAIS
SOCIAIS: o caso do curso
de Fotografia,
Feminismo e Mulheres
Diversas da Universidade
Estadual do Piauí**

EXTENSION AND SOCIAL
COMMUNICATION ISSUES: the case
of the course Photography, Feminism
and Diverse Women at the State
University of Piauí

EXTENSIÓN Y CUESTIONES
COMUNICACIONALES SOCIALES: el
caso del curso de Fotografía,
Feminismo y Mujeres Diversas de la
Universidad Estatal de Piauí

Orlando Maurício de Carvalho Berti^{1, 2}

RESUMO

Este artigo reflete sobre o caso do curso de extensão em Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas, mediado pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi), por meio da Pró-reitoria de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários. O curso é uma provocação dos movimentos sociais e estudantis ligados aos feminismos para refletir, por meio de imagens, sobre as questões ligadas às mulheres no Estado do Piauí. O trabalho descreve, retrata e analisa os resultados do curso,

¹ Jornalista. Coordenador, extensionista, pesquisador e professor Universidade Estadual do Piauí (Uespi), campus de Teresina. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Alternativa, Comunitária, Popular e Tecnologias Sociais da instituição. Pós-doutor em Comunicação, Região e Cidadania pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp-SP). Doutor e mestre em Comunicação Social pela Umesp. Coordenador de Relações Internacionais da Uespi. E-mail: orlandoberti@yahoo.com.br.

² Endereço de contato do autor (por correspondência): Universidade Estadual do Piauí, Campus Torquato Neto. Rua João Cabral, 2231, Coordenação do Curso de Comunicação Social, Setor 5, Sala dos Professores do CCECA - SP 11, Pirajá, CEP:64002-150 - Teresina, PI – Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p258>

entre polêmicas, discriminações e consequências. Destaca-se, metodologicamente, uma abordagem qualitativa, por meio de estudo de caso, com relato de atividades práticas e sociais. O curso contou com a participação de militantes sociais, membros da comunidade em geral, além de membros dos corpos discente e docente da instituição, mulheres e homens. Os trabalhos do curso culminaram com cinco exposições fotográficas, com quase 400 fotografias (entre as mais de 15 mil feitas nas atividades práticas) que devem circular o Estado do Piauí e ajudar a desmitificar as questões relacionadas ao feminismo e a esclarecer sobre a importância da discussão dessa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Social; Extensão universitária; Feminismos; Fotografia; Universidade Estadual do Piauí.

ABSTRACT

This article reflects about the Extension in Photography, Feminism and Various Women course case, mediated by Universidade Estadual do Piauí (Uespi), through Extension, Students' and Community Affairs Pro-rectory. The course is a provocation of social and student movements connected to feminism for reflections, through images, on questions linked to women on Piauí State. The work describes pictures and analyses the course consequences, among discussions, discriminations, and consequences. Methodologically, it stands out a qualitative approach, through a case study, with a report of practical and social activities. The course relied on the participation of social activists, members of the community in general, and members of the student and teaching staff from this institution, among men and women. The works of this course culminated in five photographic exhibitions, with almost 400 photographs (amongst more of 15,000 made on practical activities) which may move around Piauí and help to demystify the questions related to feminism and to enlighten about the importance of discussions on this subject.

KEYWORDS: Social communication; University Extension; Feminism; Photography; Universidade Estadual do Piauí.

RESUMEN

Este artículo refleja acerca del caso del curso de Extensión en Fotografía, Feminismo y Mujeres Diversas de responsabilidad por la UESPI – Universidad Estatal de Piauí – a través de la Pro-rectoría de Extensión, Asuntos Estudiantiles y Comunitarios. El curso es una provocación de los movimientos sociales y estudiantiles ubicados a los feminismos para reflejar, a través de imágenes, las cuestiones cercanas a las mujeres en la provincia de Piauí, Noreste de Brasil. El artículo describe, retrata y analiza las consecuencias del curso, entre polémicas, discriminaciones y consecuencias. Se destaca metodológicamente un abordaje cualitativo, a través de estudio de caso, con relato de actividades prácticas y sociales. El curso contó con la participación de militantes sociales, miembros de la comunidad en general, y miembros de los cuerpos discente y docente de la institución, entre mujeres y hombres. Los trabajos del curso culminaron con cinco exposiciones fotográficas, con casi 400 fotografías (entre las más de 15.000 hechas en las actividades prácticas) que deben circular en toda la provincia de Piauí y ayudar a desmitificar las cuestiones relacionadas al feminismo ya aclarar sobre la importancia del debate de esa discusión.

PALABRAS CLAVE: Comunicación Social; Extensión Universitaria; feminismos; Fotografía; Universidad Estatal de Piauí.

Recebido em: 12.03.2019. Aceito em: 16.05.2019. Publicado em: 01.07.2019.

Introdução

As Instituições de Ensino Superior (IES) devem estar próximas às populações, conseqüentemente às comunidades? Devem dar atenção especial às de maior vulnerabilidade? Quando se fala em carência, denota-se que não é apenas a falta de acesso às políticas sociais, mas também vulnerabilidades de chegada e vivência ao conhecimento, à emancipação e ao empoderamento coletivo. Essas mesmas instituições que, historicamente, são responsáveis pela promoção do saber devem instigar as práticas sociais? Ou “apenas” refleti-las e vivenciá-las teoricamente em seus ambientes de estudiosos?

Polêmicas, discussões e debates à parte, a extensão universitária deve ter seu protagonismo em escala cada vez mais crescente e tem o poder de dar respostas claras a esses questionamentos.

Mesmo havendo uma pluralidade de correntes eminentemente empíricas, teóricas ou teórico-empíricas, defende-se uma universidade (Academia) presente e emblemática em pensamentos e ações voltadas às questões sociais, seja por refletir ou vivenciar algumas dessas correntes. Essa interlocução está em consonância com o próprio papel constitucional das IES brasileiras (notadamente as públicas) com a sociedade.

Parte-se do lugar de fala de que os fenômenos sociais estão à mostra e não podem ser encarados apenas como simples objetos. Tem-se origem também da crença e ação que a Academia pode ter muito mais protagonismo, justamente por sua conversão heterogênea de pensamentos e ações. Significando: ampliar espaços do ensino e da pesquisa, praticando-se e vivenciando-se a extensão universitária.

Vivemos na sociedade que também pode ser considerada da imagem, em reflexões semióticas, na qual também uma imagem termina valendo

mais que mil ou milhões de palavras. Dependendo do contexto, o imagético (estático ou dinâmico) instiga corações e mentes, para o bem ou para o mal. É um grande contexto para incentivo às questões da própria *Sociedade do Eu*, em que o individual geralmente suplanta o coletivo. Essa sociedade é uma metáfora sobre o atomismo social contemporâneo.

Esse ponto é destacado a partir de que a própria fotografia pode formar e informar, saindo do seu lado eminentemente artístico para também instigar conquistas, denunciar, cobrar, lembrar, historicizar, propor e instigar muito mais conexões sociais. Esses destaques terminam sendo o segundo lugar de fala da feitura desta reflexão extensionista.

O artigo tem como sujeito-objeto as práticas fotográficas sociais promovidas e instigadas pelo curso de extensão de *Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas*, realizado pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi), abarcando cursistas nas cidades de Teresina, capital do estado, e Picos, no Sertão (a 310 quilômetros ao Sul de Teresina). Os cursos ocorreram em 2017, envolvendo dezenas de participantes e promovendo diversas exposições e debates fotográficos e sociais.

Chama-se de sujeito-objeto o fenômeno estudado justamente devido à nomenclatura e defesa capitaneada por Cicilia Peruzzo (2005). Ela explica sobre a dinamicidade dos fenômenos e as participações dos pesquisadores no processo. Não podemos apenas encarar o que estudamos como simples objetos, estáticos e sem interação. Há muito mais a ser estudado, visto, vivenciado. Por isso, a opção acadêmica e o lugar de fala da escrita do material e da própria interação social residem no sentido de tratar o fenômeno destacado como um sujeito vivo. E todos os participantes do curso também foram convidados a vivenciar essas questões.

A problemática reside na elucidação de como se dão os processos sociais retratados imagetivamente por meio dessa atividade extensionista ligada ao campo da Comunicação, tendo-se como elemento midiático balizador a fotografia. Objetiva-se destacar, refletir e polemizar sobre o fenômeno, principalmente por sua necessidade de coletivizações.

O artigo é justificado a partir de três momentos: social, acadêmico e pessoal. No sentido social, o sujeito-objeto é motivado pela própria necessidade de compartilhamento de conhecimento, principalmente para a própria universidade, trazendo consequências diretas com as questões acadêmicas. Nesse sentido, nota-se que a temática é pouco abordada em termos de Piauí (*locus* do estudo), principalmente em suas inter-relações com a extensão, a fotografia e os feminismos. E, no sentido pessoal, frisa-se sobre a responsabilidade da própria universidade e do próprio lugar de extensionista universitário, de quem escreve este material (e coordenou e executou o curso) em dar respostas à parte das carências sociais. Sem antes deixar de levar em conta que todos esses apontamentos são consonantes para a reflexão das práticas sociais fotográficas.

Metodologicamente, parte-se de um estudo de caso para explicar o fenômeno, principalmente em sua perspectiva empírica. Baliza-se em estudos destacando a importância da universidade em suas práticas sociais, bem como a fotografia inserida nesse contexto. Também são feitas polemizações e assertivas sobre as questões do próprio poder extensionista das instituições de Ensino Superior.

Não é pretendido fazer um compêndio, nem muito menos esgotar a temática, mas refletir uma situação às vezes contemporaneamente silenciada e que necessita ser historicizada, resgatada, refletida, melhorada e multiplicada,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p258>

principalmente para a construção de uma sociedade mais justa e mais igualitária, pontos que se acredita estarem (ou deveriam estar) na vanguarda das universidades brasileiras.

O trabalho é dividido em três partes. A primeira, intitulada "*Extensão universitária e as chances de socialização de conhecimento além dos muros da Academia*", de caráter teórico e reflexivo, aborda a importância das atividades extensionistas das IES, começando a destacar sobre a Uespi. A segunda, de nome "*O projeto de extensão "Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas da Universidade Estadual do Piauí". A fotografia como elemento comunicacional de socialização de ideias de ideais*", de caráter teórico e de identificação do sujeito-objeto, destaca sobre a extensão, a fotografia e, principalmente, sobre o curso em si e suas interfaces: na Capital e no Interior do estado. A terceira, última e reflexiva, intitulada "*Muito mais que imagens. Extensionando, refletindo, vivenciando e dessilenciando*", de perspectiva analítica, desvela a temática e traz perspectivas sobre a extensão universitária e sua importância comunicacional e social.

Extensão universitária e as chances de socialização de conhecimento além dos muros da Academia

As IES têm grande poder social de mediação das práticas e teorias do conhecimento. Não se apregoa à Academia o único centro de produção e propagação do saber, mas leva-se em conta seu poderio, principalmente pela magnitude de seus membros, sua vivência de capilaridade social e sua capacidade de desafiar e ser desafiada. "É preciso, por parte da Universidade, apresentar concepção do que a extensão tem em relação à comunidade em

geral. Colocar em prática aquilo que foi aprendido em sala de aula e desenvolvê-lo fora dela" (BATALHA *et al*, 2013, p.142).

É inegável o poder das IES, mas não adianta esse poderio ser representado apenas por títulos se os mesmos não chegam e são reverberados à maioria, às comunidades, à base.

É nesse enfoque que se aborda a importância do histórico tripé (contemporaneamente mais que isso) ensino, pesquisa e extensão, corroborado contemporaneamente também pela administração. Sendo que a extensão universitária possibilita a formação "do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade, como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes" (KLEIN; SCHEIDEMANTEL; TEIXEIRA, 2004, p.01). Preza-se e parte-se teoricamente, para lincar-se a perspectivas empíricas, justamente da importância da extensão universitária nos processos sociais, envolvendo não só os membros da Academia, mas também suas interlocuções com a sociedade.

Audemaro Taranto Goulart (2004, p. 61-63) reflete sobre a importância emancipatória das atividades de extensão e do quanto são importantes para a evolução coletiva e melhorias de vivências sociais, sendo que um dos grandes pontos é justamente as consequências dessas atuações acadêmicas. E pensar essas consequências balizam o que é trazido neste trabalho.

A Uespi é uma instituição que tenta quebrar esse *status quo* vertical e evoluir coletivamente, notadamente para as ações e vivências em uma das unidades federativas mais carentes do País. Ela consegue? Ela é muda? Ela instiga evolução? Vejamos.

A Universidade Estadual do Piauí

A Uespi foi fundada em 1984, através da Lei Estadual 3.967. O primeiro vestibular ocorreu em 1986 para os cursos de Licenciatura Plena em Pedagogia: Magistério, Ciências Biológicas, Matemática, Letras/Português, Letras/Inglês e Bacharelado em Administração, totalizando 240 vagas. A instituição, durante quase todo o final do século XX, teve uma vocação eminentemente para formar professores, principalmente para o Interior do Estado. Até então, o Piauí era uma das unidades federativas do Brasil mais carentes.

Somente nos últimos cinco anos do século XX, a instituição ganhou uma vocação também para formar bacharéis e teve uma das maiores expansões de sua história, chegando a ter unidades em quase 50 municípios do Piauí e também sendo uma das dez maiores IES do Brasil em termos de número de alunos. Foi nessa época que também começaram os primeiros cursos de extensão e a pesquisa também foi incorporada na filosofia da instituição.

Nos primeiros anos do século XXI, o inchaço e a incapacidade de gerir uma instituição tão grandiosa fez a Uespi fechar mais da metade de suas unidades e de seus cursos. Esses atos a fizeram repensar seu tamanho e readequar suas ações.

A universidade faz parte da tríade de três grandes IES no Estado. Além dela, ainda existem a matriarca de todas as instituições piauienses: a Universidade Federal do Piauí (UFPI, pública federal) e também o Instituto Federal de Educação Tecnológica do Piauí (IFPI, pública federal). Assim como a Uespi, elas também são sediadas na Capital e tentam capilarizarem suas ações pelos 224 municípios do Piauí.

Até o meio de 2017, a Uespi contava com 17 programas fixos de extensão e mais de 200 projetos extensionistas. Entre essa quantidade, um deles

tratava justamente sobre as questões da fotografia e dos feminismos. Será que consegue? Será que seus frutos realmente são extensionistas?

O projeto de extensão e a fotografia como elemento de socialização de ideias e ideais

A fotografia pode ser encarada e vivida como elemento de socialização do conhecimento a partir do momento que transpassa sua veia eminentemente artística e começa a trazer sentidos comunicacionais. É preciso destacar que a verve artística da fotografia não é desprezada (e nem deve) neste trabalho, mas suas consequências sociais são muito mais protagonizadas.

Não se envereda pura e simplesmente pela crença de que a fotografia por si só é revolucionária e muito menos manipuladora. Não é a tecnologia fotográfica em si a resolução ou piora dos fatos sociais, mas sim como se dá sua utilização como tecnologia social e de consequências práticas.

Segundo Roberto Vámos (2016), a fotografia tem o poder de mudar uma vida. E, quando são tratadas questões de transformações, fala-se sobre as possibilidades do protagonismo, não da ação fotográfica, mas das reflexões semióticas e sociais trazidas por essas imagens.

Philippe Dubois (2004) enfatiza que a fotografia não é apenas uma simples imagem, mas um produto de uma técnica, bem como de uma ação, sendo resultado de um "fazer" e de um "saber fazer". O conceito evoluiu a preocupação de Roland Barthes (1980), no sentido de que a fotografia pretende ser a transcrição do real, dependendo da maneira em que é executada. E, novamente, a fotografia é conceituada com questões da própria extensão universitária, notadamente em relação às suas práticas e vivências sociais.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p258>

Parte-se conceitualmente do que é preconizado por Jorge Pedro Sousa (2002, p. 9) de que as imagens fotográficas conseguem evocar os acontecimentos representados ou as pessoas e suas atmosferas. Esses atos também mostram o lado empírico das interfaces fotográficas.

É sobre esse poder que, mostradas as questões e possibilidades emancipadoras da imagem, elas saem do simples fato de a enunciação de sentidos, para também abarcar e promover discussões sociais, justamente em cima das próprias ações da feitura dessas imagens.

A fotografia, como elemento comunicacional, faz parte do Plano Nacional de Extensão Universitária (2017) em que é fato básico a divulgação e a reflexão comunicacional das atividades extensionistas.

Por que extensão, feminismos e fotografia?

Por que fazer extensão com a temática envolvendo feminismos e trazê-la para vivências com suportes fotográficos? E na universidade?

Esses questionamentos chegaram a ser, inclusive, feitos não só em redes sociais virtuais por contrários à ideia, mas também por publicações midiáticas piauienses (jornais e sites), questionando por qual motivo uma universidade com tantos desafios contemporâneos estaria instigando um projeto envolvendo essa temática, mediado por um homem.

A polêmica era por qual motivo uma instituição estava fazendo um projeto de extensão voltado ao feminismo (na verdade, "feminismos") e por que essa ideia era mediada por alguém do sexo masculino. Na universidade, pouco foi debatido sobre essa polêmica, já que se preza pela pluralidade de pensamentos, acatando-a, refletindo e mostrando que o preconizado na polêmica era inócuo.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2017v5n4p258>

Mas a discussão foi mais que bem-vinda e aceita para fortalecer o próprio espírito de debate e de construção do curso, já que era realmente a interface da união e respeito entre homens e mulheres o principal cerne da realização do curso e dos pensamentos para consequências sociais atuais envolvidos nessas questões.

A resposta veio com ações e com o que foi construído. Preconizou-se sobre o fato de que a melhor resposta para uma crítica infundada é o mostrar ações.

O projeto extensionista Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas é uma provocação direta do primeiro curso da área fotográfica feito pela Uespi. Entre os dois semestres de 2016, a universidade capitaneou um curso de extensão pensando, trabalhando e vivenciando o movimento negro e o povo de terreiro de Teresina e região metropolitana.

Essa era uma cobrança histórica do movimento organizado que atua na defesa das causas relacionadas à negritude e também a questões das religiões de matriz africana. Esses grupos são parceiros recorrentes em diversas atividades extensionistas com a Uespi. O curso de fotografia voltado ao movimento negro culminou com uma exposição itinerante que percorreu mais de dez lugares da capital e do interior piauiense.

Por que não um curso de extensão com fotografia também trabalhando o feminismo? Esse foi o questionamento principal feito à Pró-reitoria de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários da Uespi e também à coordenação do curso de fotografia e movimento negro. Isso ocorreu no dia da entrega dos certificados do primeiro curso (dia da primeira exposição). E, semanas depois, representantes das principais organizações de defesa das mulheres no Piauí foram convidadas a dar opiniões para a construção de um

novo curso, dessa vez sobre feminismo. Um dos primeiros pontos foi trabalhar não só um único feminismo, já que o próprio movimento é formado de feminismos e diversas pluralidades.

Indagações relacionadas como a quem o curso se destinaria, se seria só para mulheres e como seria desenvolvido foram questões elencadas e discutidas em uma reunião entre as representantes dos movimentos, o coordenador e executor do curso e o pró-reitor de Extensão da Uespi, professor doutor Raimundo Dutra. O ouvir e o participar foram peças-chave para a construção do projeto extensionista.

Em uma reunião de pouco mais de duas horas, muitos debates e respeito: chegou-se ao veredicto de todas as interfaces do projeto. Seria um curso de 40 horas de atividades, envolto às questões teóricas e práticas. O teórico estaria balizado, principalmente, em questões da fotografia e dos feminismos. Sim, nascia aí uma ideia conceitual de que não existe um único feminismo, mas vários feminismos. Todos eles seriam abordados, inclusive em momento próprio. Outro ponto foi a abertura do curso para diversos públicos, não só para feministas militantes. O que terminou confirmando sua heterogeneidade: mulheres, homens, héteros, bis, homos, graduandas e graduandos, graduadas e graduados, pós-graduandas e pós-graduandos, professoras e professores universitários, pessoas de fora da Academia, militantes históricos e novos militantes. Esse foi o público que procurou o curso em sua primeira versão, já que, por conta de seu sucesso, terminou também sendo levado para o Interior do Estado, sendo realizado na cidade de Picos, a terceira maior do Piauí e distante 313 quilômetros de Teresina, na região sertaneja piauiense. Na segunda edição do curso, houve uma procura maior por

alunas e alunos das duas principais universidades públicas da cidade: Uespi e UFPI.

Foi acordado que as vagas para os cursos seriam distribuídas metade entre membros de movimentos sociais e a outra metade para a comunidade acadêmica e comunidade em geral. Nas duas edições já realizadas, os públicos foram prestigiados e enviaram representantes, promovendo uma grande pluralidade entre cursistas e consequências surpreendentes nos trabalhos fotográficos e nas exposições.

A primeira edição foi realizada na cidade de Teresina, reunindo quase 30 pessoas. A segunda, com sua turma interiorana, reuniu quase 20 cursistas. Ambos, em suas aulas teóricas, ocorreram em dependências da própria Uespi. Foi uma estratégia pedagógica extensionista, principalmente para, primeiro, valorizar o espaço acadêmico, mas também para ter-se a ideia de sair-se dali para a prática.

Foram destacadas questões sobre o método "Olhar, Técnica e Trabalho", advindo do Senac São Paulo (e bem trabalhado em MARTINS; REAL; ZUANETTI, 2002), primeiro curso superior em Fotografia do País.

Essa metodologia vivencia inicialmente o olhar fotográfico, trabalhando a sensibilidade nata de cada um dos cursistas, bem como instigando suas visões para com as realidades de que fazem parte. As técnicas foram trabalhadas, principalmente, voltando-se não para a formação de fotógrafos profissionais, mas dos cursistas terem maior acurácia na vivência cotidiana e de suas consequências para um melhor retratar suas realidades. Sobre o trabalho em si, é a maneira pragmática de vivenciar os aprendizados em sala de aula. E esses foram os principais pontos para as práticas sociais nas duas cidades em que o curso foi realizado.

No caso do curso da Capital, as atividades externas foram realizadas pelas ruas do Centro e na zona Norte de Teresina, bem como nas zonas urbana e rural da cidade de Piripiri, no Sertão Norte do Piauí (a 165 quilômetros de Teresina).

No caso do curso do Interior, as atividades externas foram realizadas na comunidade quilombola Costaneira, na cidade de Paquetá do Piauí, no Sertão Central piauiense (a 320 quilômetros de Teresina).

O segundo curso só ocorreu por causa do sucesso e impacto social do primeiro. Enquanto o curso inicial foi uma cobrança direta dos movimentos sociais, notadamente ligados ao feminismo e empoderamento da mulher, o segundo curso foi uma provocação direta não só do movimento feminista, mas suas interfaces com o movimento estudantil, principalmente o Diretório Central dos Estudantes da Uespi, campus de Picos.

O curso (em seus dois momentos) teve algum impacto, reverberação, evolução? Quais as lições trazidas e aprendidas? Vejamos...

Muito mais que imagens: refletindo, vivenciando e “dessilenciando”

O curso de extensão *Fotografia, Feminismo e Mulheres Diversas* traz uma série de aprendizagens e reflexões, notadamente sobre as questões sociais instigadas e vivenciadas nas interfaces desse caso.

Destaca-se inicialmente sua própria concepção e as provocações dos movimentos sociais que instigaram a universidade em seu próprio lugar de atuação para vivenciar questões ligadas aos feminismos.

Esse ponto tem de ser levado em conta, porque é notória a atuação de muitos movimentos sociais, alguns já consolidados historicamente, com igual papel da própria universidade e grande simpatia dos próprios membros das IES,

mas, por circunstâncias do atomismo vivenciado por cada uma dessas instituições, terminam raramente intercambiando informações e vivências. Quem deve procurar quem? Os movimentos ou a universidade? Ou os dois devem se procurar?

O debate não deve estar em quem deve instigar quem, mas, sim, como isso pode ser feito e como pode ser realizado com o máximo de interlocução social possível, pois os movimentos e a própria Academia só têm a ganhar com essas interlocuções. Destaca-se apenas que as interações devem ocorrer com horizontalidade de hierarquias e não a universidade achar-se em lugar de superioridade, impondo conhecimentos ao movimento. Ou vice-versa.

As heranças dessa união devem ser o cerne básico para, justamente, as concatenações de ideias e vivências entre os próprios movimentos sociais, comunitários, alternativos, políticos e a própria Academia.

Apesar da preocupação inicial de um homem ser o mediador informacional do conhecimento que seria ministrado no curso as dúvidas e tensionamentos foram dirimidos e a história terminou sendo motivo de anedota e de importância de conquista de homens que possam atuar para as ideias dos feminismos. Como trabalhar a temática, em um mundo tão machista, sem trazer as interlocuções com homens, principais agentes desse estado de fatos?

A barreira da mediação masculina e também da participação de homens no processo foi logo quebrada. É fato que a Academia, em vários de seus setores, ainda vive um machismo exacerbado. Esse estado opressivo também é representado pela própria mídia em várias de suas ações. Promove o silenciamento ou deixa assuntos dessa gama a planos inferiores, sem a devida

prioridade que uma temática tão delicada precisa, em momentos de tantas opressões sociais, coletivas e tantas temerosidades políticas.

Essas rupturas apresentaram como uma metodologia positiva e concernente, principalmente para trabalhar a pluralização. Foi evidente que, nos dois cursos, o de Teresina e o de Picos, o público feminino foi maior, mas houve igualdade na procura de reflexões sobre os feminismos.

O respeito advindo dos participantes também foi exemplar ao serem trazidas as questões da opressão masculina frente às mulheres.

A própria presença física masculina foi importante para refletir os feminismos: tão propalados e tão discutidos em ambientes acadêmicos e que precisam refletir nos ambientes sociais.

Nas vivências fotográficas extensionistas do Dia 08 de Março, pelas ruas do centro da capital piauiense, houve experimentações e conclusões a partir de como a própria presença masculina ainda é pouca no sentido dos atos coletivos feministas. Indagou-se muito os motivos desse quase silenciamento e quais os agentes contemporâneos que contribuem para isso, mesmo havendo tantos canais de comunicação e informação disponíveis.

Ainda há um preconceito premente e que a própria movimentação de coletivização social ainda precisa ter novos tons. O evento retratado pelas e pelos cursistas no Dia Internacional da Mulher produziu mais de 4 mil imagens, que começaram a servir para as exposições que estavam por vir. Foi a "prova de fogo" dos cursistas. Destaca-se que os olhares da maioria das imagens causaram surpresas, provando a hipótese básica de que o principal ponto para uma boa fotografia não é a técnica, mas, sim, o olhar. Produziram-se fotos em angulações e condições de luz, mesmo feitas por aparelhos celulares e câmeras amadoras, dignas de exposições para circularem em todo o País.

Na prática da cooperativa de artesãs do bairro Poty Velho, em Teresina (PI), a empiria fotográfica extensionista mostrou-se mais interligada em demonstrar como é uma das primeiras cooperativas da capital do Piauí, pensada e composta apenas por mulheres. Foram realizadas mais de mil fotografias e foi uma das atividades que contou com o menor número de participantes do curso, já que muitos estavam em atividades laborais naquele momento.

Conheceram-se as realidades no sentido da construção, da evolução e das contemporaneidades da cooperativa. Conversou-se e refletiu-se com a atual diretoria. Foram retratadas não apenas as questões das artes feitas na cooperativa, mas as atitudes de suas cooperadas, principalmente, no sentido de vivenciarem o empoderamento feminino.

Já na prática fotográfica dos cursistas que fizeram as atividades em Teresina, os pontos mais nevrálgicos foram na cidade de Piri-piri, com a visita, entendimento e fotografia do assentamento Mulheres Organizadas e do empreendimento urbano Antônia Flor. Notou-se o protagonismo da mulher e de grupos minoritários e do quanto esses exemplos são emblemáticos não só para o Piauí, mas para todo o Brasil. As quase 8 mil fotografias produzidas nos dois momentos em Piri-piri foram o ápice do curso. Todas e todos participaram das atividades e passaram um domingo inteiro realizando essa missão. Como foram ações de um dia inteiro, pôde-se interagir mais com histórias, com momentos e com questões ímpares.

A viagem a Piri-piri gerou discussões no sentido de mais socialização do conhecimento e o que deveria ser uma exposição fotográfica para rodar inicialmente a região de Teresina transformou-se em quatro exposições. Uma ficaria para rodar a capital, com interface a partir da universidade. A outra seria

uma prestação de contas com a cooperativa de mulheres do Poty Velho e as outras duas iriam para Piripiri para ficarem fixamente nas instituições rural e urbana visitadas e fotografadas pelos cursistas.

No caso das vivências com os cursistas da cidade de Picos, foi realizada incursão na comunidade Costaneira, na cidade de Paquetá do Piauí, em que foram realizadas mais de 2 mil fotos. As imagens retratam como é a luta, vivência, debates e desafios de uma das comunidades quilombolas que mais estão em evidência no Piauí. A exposição gerada com essas imagens ficou na sede da Uespi, em Picos, e levada para a comunidade, a fim de serem socializados o conhecimento e as imagens para com as pessoas que foram retratadas.

Considerações Finais

As principais considerações do trabalho residem, principalmente, em mostrar o poder das reflexões sociais mediante a realização de cursos e ações extensionistas. A temática fotografia é apenas um dos suportes que podem ser realizados para projetos do tipo. Mais importante do que o próprio suporte, são as intencionalidades sociais geradas por meio das instrumentalizações comunicacionais.

As ações poderiam vir balizadas em diversos outros suportes midiáticos, tais quais produtos impressos, radiofônicos, audiovisuais e multimidiáticos. O suporte fotografia foi escolhido justamente por sua importância imagética e o quanto desperta interesse por parte dos possíveis cursistas.

Com a ascensão dos dispositivos midiáticos de produção de imagens, principalmente os celulares, o poder da fotografia foi despertado na segunda

década do Século 21 no Brasil. Contemporaneamente, é um dos aparelhos que mais fazem parte da vida das pessoas.

Levando-se em conta as questões da importância do olhar, foi esse sentido humano o mais instigado nas ações do projeto. Por isso, volta-se às discussões sobre a questão da universidade estar mais presente nas reflexões sociais e a necessidade de a própria Academia romper barreiras físicas e teóricas. Nota-se que o curso de extensão evocado não é apenas um chamariz, mas uma semente plantada. Espera-se que dê muitos frutos e eles sejam representados em ações sociais, de feminismos, movimento negro, movimento LGBTQ, e muito mais.

São notadas consequências a partir da cobrança por outros cursos. No caso de Teresina, passados vários meses do encerramento, o curso continuou como pauta de um grupo no aplicativo de mensagem instantânea *Whatsapp* em que, diariamente, as e os participantes interagem sobre temáticas ligados à imagem e questões políticas.

Em um período de forte crise política, moral e social, as discussões da importância não só das denúncias via imagens, mas do que essas fotografias representam para novas contextualizações sociais são outras consequências do projeto de extensão.

Um ponto a ser destacado foi a interação do que foi produzido com as comunidades retratadas e como elas se veem sobre as visões realizadas para com elas. Não se quis formar fotógrafos profissionais, mas sim vivenciar com pessoas com forte militância social, juntamente com neófitos, como elas podem, por meio de imagens, instigar e vivenciar novos e diferenciais momentos em que pudessem contribuir socialmente em seus espaços de convivência e atuação.

Tudo o que foi realizado e tratado não é nada mais do que o cumprimento do papel básico da própria universidade, ou seja, refletir e trazer respostas para as práticas sociais contemporâneas.

Frisa-se e compromete-se a mais ações do tipo, principalmente, porque a temática gerou uma série de novos convites para realização de outros cursos, principalmente de ligações com os movimentos de negritude e também LGBTQ, inclusive com agendamento de novos cursos.

Ajamos! Continuemos a vivenciar a comunicação e fazê-la instrumento de melhores dias para todas e todos!

Referências

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BATALHA, T. B. S.; COSTA, C. L. N. A.; PASSOS NETO, I. F.; RODRIGUES, A. L. L. **Contribuições da extensão universitária na sociedade**. Aracaju: Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais, v.1, n.16, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária - Diretrizes nacionais**. Disponível em: <http://pdi.ufabc.edu.br/wp-content/uploads/2011/09/Plano-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-2011-2020.pdf> Acesso em: 20. jul. 2017.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 2004.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. **Horizonte**, v; 2, n. 4, 2004.

KLEIN, R.; SCHEIDEMANTEL, S. E.; TEIXEIRA, L. I. A importância da extensão universitária: o Projeto Construir. II Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. **Anais...** Belo Horizonte, 2004.

MARTINS, N.; REAL, E.; ZUANETTI, R. **Fotógrafo**: o olhar, a técnica e o trabalho. Rio de Janeiro: Senac, 2002.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. IN: BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUSA, J. P. **Fotojornalismo** – Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2002.

VÁMOS, R. **Viajaneio**. Rio de Janeiro: Réptil, 2016.